Leonard E. Read

EU, LÁPIS

Eu, lápis

GAZETA DO POVO

Tradução: Paulo Polzonoff ✳ *Ilustrações:* Chantal Wagner

“Não há forma melhor, mais fácil de entender e mais divertida de explicar a complexidade dos mercados do que “Eu, Lápis”, de Leonard Read. Temos de parar para pensar ao ouvirmos a arrogância de políticos que nos dizem ser capazes de gerenciar a economia melhor do que milhões, talvez bilhões de tomadores de decisões independentes em busca de seus próprios objetivos. A mensagem do ensaio para os socialistas é “se liguem”!

WALTER E. WILLIAMS

Professor de Economia na George Mason University

“Eu, Lápis” é um impressionante caso de estudo dos livres mercados em ação. Metade dos problemas econômicos do mundo desapareceriam se todos pudessem ler “Eu, Lápis”.

BURTON W. FOLSOM

Professor de História no Hillsdale College

“Que contribuições os economistas deram ao conhecimento humano? Várias, mas a ideia mágica e bela da divisão do trabalho deve ser considerada a ideia mais importante. “Eu, Lápis” explica que geramos muito mais riqueza enquanto comunidade do que seríamos capazes de gerar sozinhos – na verdade, nem mesmo o objeto mais simples pode ser feito sem uma complexa divisão de trabalho.

JEFFREY A. TUCKER

Diretor de desenvolvimento digital da FEE

“Eu, Lápis” explica a complexidade gerada pelos mecanismos do mercado. Os livros didáticos de economia por aí raramente incluem essas explicações.

MICHAEL STRONG

Cofundador da CONSCIOUS CAPITALISM e CEO da RADICAL SOCIAL ENTREPRENEURS

Eloquente. Extraordinário. Preciso. Paradigmático. Seis décadas depois de ter sido publicado pela primeira vez, "Eu, Lápis", de Leonard Read, ainda evoca este tipo de elogio. Merecidamente, já que este ensaio curto tem feito pessoas de todas as ideias abrirem seus olhos e mentes. Muitos leitores de primeira viagem jamais verão o mundo da mesma forma novamente.

Ideias têm ainda mais poder quando envoltas numa história interessante. O argumento central de Read – o de que a economia não pode ser "planejada" porque ninguém detém todo o conhecimento e habilidade necessários para se produzir um simples lápis – é exposto nas palavras encantadoras de um lápis. Read poderia ter escrito "Eu, Carro" ou "Eu, Avião", mas se tivesse escolhido objetos mais complexos sua mensagem poderia ter se perdido. Ninguém – repito, ninguém, por mais inteligente e importante que seja – seria capaz de criar do zero um lápis comum, muito menos um carro ou avião.

Esta é uma mensagem que torna humildes os poderosos. Ela perfura os egos inflados daqueles que se acham capazes de cuidar da vida de todo mundo. Ela explica de uma forma simples por que o plane-

jamento centralizado é um exercício de arrogância e futilidade, o que o Prêmio Nobel e economista da Escola Austríaca chamou de "a pretensão do conhecimento".

Na verdade, uma importante influência para o pensamento de Read sobre isso foi o famoso artigo de Hayek, escrito em 1945, "The Use of Knowledge in Society" [O uso do conhecimento na sociedade]. A fim de demolir as afirmações absurdas dos socialistas de sua época, escreveu Hayek: "Não se trata de discutir se o planejamento é viável ou não. Trata-se de discutir se o planejamento vai ser feito de forma centralizada, por uma única autoridade responsável por todo o sistema econômico, ou se vai ser dividido entre vários indivíduos".

Dizem que Maximilien Robespierre abençoou a terrível Revolução Francesa com essa frase assustadora: "É impossível fazer uma omelete sem quebrar ovos".

Como estatista que trabalhou incansavelmente para planejar a vida dos outros, ele se tornaria o arquiteto da fase mais sangrenta da Revolução – o Terror, que durou de 1793 a 1794.

Robespierre e sua guilhotina quebraram ovos aos milhares, no vão esforço de impor uma sociedade utópica governada por planejadores no alto da pirâmide e todos os outros na base. A experiência francesa é apenas um exemplo de um padrão assustadoramente familiar. Chame-os como quiser – socialistas, intervencionistas, coletivistas, estatistas –, a história está cheia de seus planos presunçosos de reorganizar a sociedade a fim de que ela se adeque à visão deles do que é o bem comum, planos que sempre fracassam depois que elas matam ou empobrecem seu próprio povo durante o processo. Se o socialismo um dia merecer um epitáfio, será este: aqui jaz uma mentira criada por sabe-tudos que quebraram ovos aos montes, mas jamais fizeram uma omelete.

Nenhum dos Robespierres do mundo saberia como fazer uma omelete, mas eles querem reconstruir sociedades inteiras. Quanta pretensão e que tragédia! Mas vamos ignorar um ponto importante da mensagem de Leonard Read se supormos que ele tem como alvo apenas os tiranos cujos nomes sabemos. A lição de "Eu, Lápis" não é a de que erros começam quando os homens têm grandes planos. Eles começam assim que se deixa a humildade de lado, achando que se sabe o ininteligível e em-

pregando a força do Estado contra os indivíduos pacíficos. Essa não é apenas uma doença doméstica. Na verdade, ela pode afetar todo o mundo.

No meio de nós há pessoas que acham que, se tivessem o poder governamental a seu lado, eles seriam capazes de escolher os vencedores e perdedores de amanhã, estabelecer preços e aluguéis, decidir que forma de energia deve mover nossos carros e iluminar nossas casas e decidir que indústrias devem ou não sobreviver. Eles deveriam parar por um instante e aprender um pouco de humildade com um texto também ele escrito com humildade.

Apesar de "Eu, Lápis" acabar com as expectativas mais básicas do planejamento central, ele nos dá uma perspectiva incrivelmente animadora do indivíduo. Guiado pela "mão invisível de Adam Smith quanto a preços, propriedade, lucros e incentivos, um povo livre alcançaS milagres econômicos com os quais os teóricos socialistas só podem sonhar.

À medida que o interesse de intermináveis indivíduos de todo o mundo converge para produzir lápis sem uma única "mente controladora", eles também se unem, nos livres mercados, para ali-

mentar, vestir, abrigar, ensinar e divertir milhões de pessoas.

Com orgulho, a FEE publica esta nova edição de "Eu, Lápis" a fim de reforçar a mensagem eterna deste ensaio para uma nova geração. Algum dia haverá uma Edição do Centenário, talvez até mesmo uma Edição do Milênio. Este ensaio está mesmo destinado à eternidade.

– Lawrence W. Reed

Presidente, FEE

Atlanta, Geórgia

Maio de 2015

Eu, Lápis

Sou um lápis – um lápis de madeira conhecido de todas as meninas e meninos capazes de ler e escrever.

Escrever é minha vocação e minha função; é tudo o que sei fazer.

Você talvez esteja se perguntando por que escrevo minha genealogia. Bom, para começo de conversa, minha história é interessante. Depois, sou um mistério – tanto quanto uma árvore ou um pôr-do-Sol ou um relâmpago. Mas infelizmente não sou valorizado por aqueles que me usam, como se eu fosse um mero acidente e não tivesse uma origem. Essa arrogância me lega ao nível do lugar-comum. Esse é o tipo de erro no qual a Humanidade não pode persistir sem correr riscos. O sábio G. K. Chesterton observava: "Sofremos por falta de admiração, não por falta de coisas dignas de admiração".

Eu, Lápis, por mais simples que pareça, mereço sua admiração e apreço, algo que tentarei provar. Na verdade, se é que você me entende – não, isso seria pedir demais -, se é que você percebe o milagre que simbolizo, você pode me ajudar a proteger a liberdade que a Humanidade está infelizmente

perdendo. Tenho uma lição importante a ensinar. E sou capaz de dar essa lição melhor do que um carro ou avião ou lavadora de louças, porque... bom, porque sou aparentemente tão simples.

Simples: Ainda assim, nenhuma pessoa na face da Terra sabe como me fazer. Parece absurdo, não? Sobretudo quando se sabe que somos produzidos cerca de um bilhão e meio de lápis por ano nos Estados Unidos.

Pegue-me e me olhe. O que você vê? Pouca coisa pode ser vista – madeira, tinta, o rótulo, o grafite, um pedaço de metal e uma borracha.

INÚMEROS ANTEPASSADOS

Assim como você não é capaz de retroceder muito na sua árvore genealógica, é impossível para mim dar nome e explicar todos os meus antepassados. Mas gostaria de mencionar antepassados o bastante para que você perceba a exuberância e complexidade de minhas origens.

Minha árvore genealógica começa com o que, na verdade, é uma árvore, um cedro que nasce no norte da Califórnia ou no Oregon. Agora pense em

todas as serras e caminhões e cordas que as várias outras ferramentas usadas para se extrair e transportar as toras até a ferrovia. Pense em todas as pessoas e nas inumeráveis habilidades usadas na fabricação disso: a mineração do ferro, a fabricação do aço e sua transformação em serras, machados, motores; o cultivo do cânhamo e todos os estágios da fabricação de uma corda pesada e resistente; os acampamentos de lenhadores, com suas camas e refeitórios, os utensílios de cozinha e o cultivo de todos os alimentos. Ora, milhares de pessoas puseram suas mãos em todas as xícaras de café que os lenhadores bebem!

A madeira é enviada para uma serraria em San Leandro, na Califórnia. Você consegue imaginar os indivíduos que constroem vagões e trilhos e locomotivas e que constroem e instalam os sistemas de comunicação ao longo das ferrovias? Essas legiões estão entre meus antepassados.

Pense na serraria em San Leandro. As toras de cedro são cortadas em tábuas do comprimento de um lápis e com seis milímetros de espessura. Elas são secas num forno e depois coloridas pelo mesmo motivo que leva as mulheres a passarem ruge no rosto. As pessoas me preferem colorido, não

um pedaço de madeira branco. As tábuas são lixadas e secas novamente. Quanto talento foi usado na fabricação da tinta, e para aquecer, iluminar e mover as correias, motores e todas as outras coisas necessárias numa serraria? Os varredores da serraria estão entre meus ancestrais? Sim, assim como os homens que derramaram o concreto usado na represa da hidroelétrica da Pacific Gas & Electric Company que fornece energia elétrica para a serraria!

Não despreze os ancestrais atuais e distantes envolvidos no transporte de seis vagões cheios de tábuas por todo o país.

Uma vez na fábrica — US$4 milhões em máquinas e no imóvel, capital acumulado com a prosperidade e economia de meus pais —, cada tábua recebe oito ranhuras feitas por uma máquina complexa, depois que outra máquina deposita grafites em outra tábua, aplica cola e coloca a tábua sobre a outra – um sanduíche de grafite, por assim dizer. Sete irmãos e eu somos mecanicamente esculpidos neste "abraço de madeira".

Meu grafite é complexo. O grafite é extraído no Ceilão [Sri Lanka]. Pense nos mineiros e naqueles

que fabricam suas ferramentas e nos fabricantes das embalagens nas quais o grafite é transportado e naqueles que fazem as cordas que unem as embalagens e naqueles que as embarcam nos navios e naqueles que fabricam os navios. Até mesmo os faroleiros pelo caminho ajudaram no meu nascimento — e também os estivadores.

O grafite é misturado com argila do Mississippi, e no processo de refino é usado hidróxido de amônia. Então, umidificantes como sebo sulfonado — gordura animal reage quimicamente com o ácido sulfúrico — são usados. Depois de passar por várias máquinas, a mistura finalmente aparece como uma interminável extrusão — como uma máquina de salsichas —, é cortada, seca e queimada por várias horas a 1.010 graus Celsius. Para aumentar sua resistência e uniformidade, o grafite é, então, tratado com uma mistura quente que inclui cera de candelilha mexicana, parafina e gordura natural hidrogenada.

Meu cedro recebe seis camadas de tinta. Você conhece todos os ingredientes da tinta? Que imaginaria que fazendeiros que cultivam mamona e fabricantes de óleo de mamona fazem parte disso? Eles fazem.

Observe o rótulo. É uma imagem criada pela aplicação de calor ao carbono misturado a resinas. Como se faz resinas e, calma aí, o carbono é preto? Ora, até mesmo o processo no qual a tinta é feita e ganha aquela linda cor amarela envolve o talento de mais pessoas do que é possível enumerar!

Minha tira de metal — a virola — é de latão. Pense em todas as pessoas que extraem o zinco e o cobre e naqueles que dominam as habilidades usadas para fabricar lâminas brilhantes de latão com essas matérias-primas. Aqueles anéis mais escuros na minha virola são níquel. O que é o níquel e como ele é aplicado? Toda a explicação sobre por que a parte central da minha virola não tem níquel consumiria páginas e mais páginas.

Então há minha coroa, chamada, no jargão do setor, de "ponteira", a parte que o homem usa para apagar os erros que faz comigo. Um ingrediente chamado "factice" é o que apaga. É um produto semelhante à borracha, fabricado pela reação do óleo de colza da Indonésia com cloreto de enxofre. O látex, ao contrário do senso comum, só serve para dar liga. Depois há vários agentes de vulcanização e catalisação. A pedra-pome vem da Itália; e o pigmento que dá à ponteira sua cor

é o sulfeto de cádmio.

NINGUÉM SABE

Alguém quer questionar minha afirmação anterior de que nenhuma pessoa na face da Terra, sozinha, sabe como me fazer?

Na verdade, milhões de seres humanos estiveram envolvidos na minha criação, dentre os quais nenhum conhece mais do que uns poucos outros. Ora, você talvez diga que estou indo longe demais ao associar a pessoa que colhe um grão de café no Brasil a pessoas que cultivam outras coisas usadas na minha criação; que isso é extremismo meu. Mas defendo meu argumento. Não há uma única pessoa entre esses milhões, incluindo o presidente da fábrica de lápis, que tenha contribuído com mais do que uma parte ínfima do conhecimento usado na minha fabricação. Do ponto de vista do conhecimento, a única diferença entre o mineiro que extrai o grafite no Ceilão e o lenhador no Oregon está no tipo de conhecimento. O mineiro e o lenhador não podem ser desprezados, assim como o químico na fábrica ou o petroleiro — já que a parafina é subproduto do petróleo.

Eis um fato impressionante: nem o petroleiro, o químico, o mineiro que extrai o grafite ou a argila, os homens que pilotam ou fabricam os navios, trens ou caminhões, a pessoa que controla a máquina que faz as ranhuras na minha tira de metal nem o presidente da empresa realizam seu trabalho de sempre porque me quer. Cada qual me deseja até menos do que uma criança da primeira série. Na verdade, muitos dentre essa multidão nunca viram um lápis e nem saberiam como me usar. A motivação deles é outra. Talvez seja algo como isso: cada qual percebe que é capaz de trocar sua porção minúscula de conhecimento pelos bens e serviços que quer ou de que precisa. Eu posso ou não estar entre esses objetivos.

NENHUM MENTOR

Há um fato ainda mais incrível: a falta de um mentor, de alguém ditando ou direcionando à força essas incontáveis ações que me criam. Não há o menor sinal da existência dessa pessoa. Em vez disso, percebemos a Mão Invisível em ação. Este é o mistério a que me referia anteriormente.

Dizem que "somente Deus é capaz de fazer uma árvore". Por que concordamos com isso? Não é porque percebemos que somos incapazes de fazer uma árvore? Na verdade, será que conseguimos ao menos descrever uma árvore? Não conseguimos, a não ser em termos superficiais. Podemos dizer, por exemplo, que certa configuração molecular se manifesta como árvore. Mas quem dentre os homens é capaz de registrar, quanto mais direcionar, as mudanças constantes em moléculas que transpiram durante a vida de uma árvore? Tal feito é impensável!

Eu, Lápis, sou uma combinação ainda mais complexa de milagres: árvore, zinco, bronze, grafite, e assim por diante. Mas a esses milagres que se manifestam na natureza acrescenta-se um milagre ainda mais extraordinário: a confluência de energias humanas – milhões de porções minúsculas de conhecimento confluindo natural e espontaneamente em reação a uma necessidade e desejo humanos, e na ausência de qualquer controle humano! Como apenas Deus é capaz de criar uma árvore, insisto que apenas Deus pode me criar. Os homens não são capazes de direcionar a ninguém essas milhões de porções de conhecimento para me criar, como não são capazes de combinar mo-

léculas para criar uma árvore.

Isso é o que quis dizer ao escrever "se você percebe o milagre que simbolizo, pode me ajudar a proteger a liberdade que a Humanidade está infelizmente perdendo". Porque, quando se percebe que esse conhecimento naturalmente, sim, automaticamente se organiza em padrões de produção e criatividade, reagindo à necessidade e demanda humanas — isto é, na falta de um mentor governamental ou força coerciva — tem-se um ingrediente absolutamente fundamental para a liberdade: fé nas pessoas livres. A liberdade é impossível sem essa fé.

Uma vez que o governo tenha o monopólio de uma atividade criativa como, por exemplo, a entrega de correspondências, a maioria dos indivíduos acreditará que as correspondências não podem ser entregues por homens agindo com liberdade. E eis o motivo: todos reconhecem que, sozinhos, não são capazes de fazer todas as coisas necessárias para se entregar correspondências. Eles também reconhecem que nenhum outro indivíduo é capaz de fazer isso. Essas suposições são corretas. Nenhum indivíduo detém conhecimento o bastante para entregar as correspondências

de todo um país, assim como nenhum indivíduo detém conhecimento o bastante para fazer um lápis. Ora, na falta de fé nas pessoas livres — sem perceber que milhões de talentos se unem cooperam natural e milagrosamente para satisfazer essa necessidade — ao indivíduo só resta chegar à conclusão equivocada de que as correspondências podem ser entregues somente se houver um "controle" governamental.

PROVAS À BEÇA

Se eu, Lápis, fosse o único item a atestar aquilo que homens e mulheres são capazes de alcançar quando são livres para tentar, então as pessoas de pouca fé teriam um argumento. Mas há provas à beça disso; elas estão ao nosso redor e à mão de todos. A entrega de correspondências é extraordinariamente simples quando comparada, por exemplo, com a fabricação de um carro ou uma calculadora ou uma colheitadeira ou uma máquina de moagem ou dezenas de milhares de outras coisas. Comunicação? Ora, neste ramo no qual os homens tiveram liberdade para tentar, eles hoje transmitem a voz humana ao redor do mundo em menos de um segundo; eles transmitem um acontecimento visualmente, e em movimento, para

qualquer pessoa, em seu lar, no momento em que aquilo está ocorrendo; eles transportam 150 passageiros de Seattle para Baltimore em menos de quatro horas; eles transportam gás do Texas para uma fornalha em Nova York a preços incrivelmente baixos e sem subsídios; eles transportam óleo do Golfo Pérsico para nossa Costa Leste — do outro lado do mundo — cobrando menos do que o governo cobra para entregar cartas de um lado da rua para o outro!

A lição que tenho a dar é esta: não restrinja as energias criativas. Apenas organize a sociedade para agir em harmonia com essa lição. Deixe que o aparato jurídico da sociedade remova todos os obstáculos da melhor maneira possível. Permita que esse talento criativo tenha liberdade. Tenha fé de que homens e mulheres livres reagirão à Mão Invisível. Esta fé seria confirmada. Eu, Lápis, por mais simples que pareça, lhes dou o milagre da minha criação como uma prova de que esta é uma fé real, tanto quanto o Sol, a chuva, o cedro e a boa e velha Terra.

Leonard E. Read (1898-1983) criou a Foundation for Economic Education em 1946. Pelos 37 anos seguintes, ele trabalhou como presidente da FF, esforçando-se ao máximo para promover e defender a liberdade. Ele era um líder natural que, num momento fundamental da história norte-americana, uniu as forças que defendiam a liberdade individual e a propriedade privada.

Sua vida é um testemunho do poder das ideias. Como escreveu o presidente Reagan, "nosso país e seu povo fomos abençoados com sua devoção à causa da liberdade, e as gerações futuras recorrerão a Leonard Read em busca por inspiração".

Read escreveu 29 livros e centenas de textos. "Eu, Lápis", seu texto mais famoso, foi publicado pela primeira vez em 1958. Apesar de uns poucos detalhes da fabricação e alguns nomes de lugares terem mudado, os princípios permanecem os mesmos.

GAZETA DO POVO